

ANTOLOGÍA CRIATURAS MÁGICAS
“DOS ISLAS, DOS MARES...”
TOMO V
TEXTOS EN OTROS IDIOMAS



COMPILACIÓN
MARIÉ ROJAS TAMAYO
BARTOLOMÉ ADROVER GUERRERO
ILUSTRACIONES: RAY RESPALL ROJAS

PROFESSORA

I parte - Dartagnan

"Esta sou eu, depois de saciar a fome. Vou lhe contar como escolhi minha última vítima. Antes, porém, o porque. Sou uma vampira e digo isso simples assim. Sou uma vampira. E esta frase levou séculos para ser pronunciada sem culpa, conto-lhe o percurso dela para cegar limpa até minha boca suja de sangue. Por isso nomeio essa primeira parte Dartagnan, como na história, este é o momento onde o quarto elemento de uma trilogia entra para dar sustentação aos outros três pontos que formará o triângulo e o elevará a um plano onde poderá ser compreendido. No princípio houve o caos. Tive uma vida pacata e impecável antes de tornar-me vampira. Professora, boa filha, bonita, saudável, futuro feliz iminente. Uma noite, quando voltava da escola onde lecionava, ele me surpreendeu, arrastou-me para um beco, sugou-me a jugular, e, um segundo antes de morrer, perguntei-lhe:

-Porquê?

-Porque o que?

-Porque eu?

-Porque deu fome.

-Só isso? Vai me matar porque está com fome?

-Sim.

Comecei a me debater, injusto morrer sem causa nobre. Nunca fiz mal a ninguém, não iria morrer como um frango. Eu não tinha nenhuma chance, estava muito fraca, e ele perguntou:

-Só agora resolveu lutar?

-É.

Fui irônica. Era o que eu podia.

-O que faz?

-Sou professora.

-O que ensina?

-História.

Ele gargalhou, chegou a engasgar de tanta graça. Enfureci-me. Mordeu-se no pulso e mandou-me beber. Eu sabia o que ele pretendia. Resolvi que o mataria a qualquer preço. O bebi. Sangue de vampiro tem gosto de merda. E isto faz sentido. É como não se sentir atraído pelo irmão ou pai. Vampirizar um vampiro é incestuoso. A moral transformou o instinto de preservação da espécie em incesto. Quando se bebe o sangue de um vampiro, antes de se tornar um, é como sair da vagina da mãe, não é pecado, mas é ruim, como deve ser nascer. Não me lembro. Quando terminei ele disse:

-Vá e aprenda História, Professora!

Soou-me bíblico, foi-se e nunca mais o vi, o beco cheirava morte. Hoje todos os vampiros me conhecem como Professora. Não lembro meu nome. Não importa. O que se seguiu, e vou resumir em poucas palavras, é clássico entre vampiros

novatos e para mim durou décadas. Para muitos duram. A princípio recusei-me a matar humanos, sofri muito, a fome é um pesadelo ao avesso. Suguei cabras, vacas, cachorros, ratos e era como se eu vivesse metade. Não satisfaz, não alimenta, frustra. Por décadas fui amarga, lamentei minha sorte. Até o dia em que me deparei com um estuprador enquanto caçava ratos num canto qualquer. Olhou-me e veio para cima de mim, tentando me atacar. Pedi para que parasse, ele me bateu no rosto. Minha primeira vítima humana era estuprador. Queria lhe dizer que passei a me alimentar de gente ruim para livrar o mundo do mal. Quando comecei a matar pessoas, eu disse. O motivo maior foi o prazer, foi a fome. Saciar desejo é bom. Nas décadas seguintes fui uma espécie de mórbida heroína, lia sobre os crimes hediondos e sem solução e passava dias investigando até encontrar o assassino, estuprador ou corrupto que praticara a atrocidade. Às vezes, a busca durava meses, e eu sentia fome. Era como eu santificava meu crime. Esta parte da história termina aqui, como Dartagnan, sem sentido e com aparência de engodo. Mas é este seu papel. Ele não faz parte do trio. Sua função é dar suporte aos três mosqueteiros, torná-los uno. É o ponto fora do triângulo, o que o torna tridimensional. O que se segue seria, seguindo a analogia, Portos, Athos e Aramis. Sempre imaginei o significado desses nomes. Mais pelo seu som do que pela etimologia das palavras, para mim, Aramis seria o começo, pois foi o papel que lhe coube depois de eu atribuir a Athos, o meio, por soar como ato, ação e a Portos o fim, o porto, a chegada.

II parte - Do Diamante e Do Grafite.

Por três meses segui a pista de um assassino, que sistematicamente no sétimo dia dos últimos onze meses seqüestrava, molestava e degolava meninos entre oito e dez anos no subúrbio da cidade. Os corpos apareciam no dia seguinte, sempre nos terrenos baldios onde as crianças gostavam de brincar à tarde. Tomei conhecimento do crime quando descobri e matei o assassino de uma jovem freira. O sujeito pintava seu apartamento quando o encontrei e tinha jornais espalhados pelo chão. Ao cair morto seu dedo médio apontou a foto do nono menino encontrado degolado. Pareceu-me um sinal. Eu matava quando tinha certeza da culpa, às vezes ficava semanas ou meses sem comer, o que me levava a um estado mental que considerava uma conexão com o divino, hoje duvido. Persegui o rastro do psicopata pelos guetos. As poucas pistas deixadas por ele só eram percebidas por meus sentidos vampiros, pela intuição de vidas inteiras passadas no submundo e pela demência da fome, a polícia estava perdida e a população assustada. Finalmente os vestígios apontaram um único alvo. Era o quinto dia do mês e a fome me torturava. Fiquei tão excitada em descobrir o assassino que me assustei. Pela primeira vez questioneei minha sanidade e temi estar, inconscientemente, forjando provas contra o homem. Tentei esperar mais um dia. Talvez conseguisse depois de um dia de sono, uma noite de meditação. Durante todo o dia tive pesadelos. Acordei, assim que o sol se pôs, desorientada.

Num impulso segui até a rua onde morava o assassino, o desmaiei num golpe e trouxe-o para minha casa. A fome me causava leves alucinações e uma certa fraqueza emocional, resolvi amarrá-lo e deitar-me um pouco antes de matá-lo. Quando acordou do desmaio, despertou-me ao se debater, ao me ver fez menção de gritar e num piscar de olhos eu estava em pé, a seu lado, caninos em evidência e com a mão estrangulando-o, mais um pouco e o seu pescoço partiria entre meus dedos. Olhou-me, não como quem tem medo ou implora vida, mas como quem compreende sua desvantagem e prudentemente não reage. Soltei-o. A adrenalina do ataque fez-me salivar. Tive que concentrar-me para não atacá-lo naquele momento. Voltei ao divã. Manteve-se quieto.

Depois de um tempo começou a examinar o ambiente. Rapidamente percebeu que não era uma vítima ao acaso. Tinha recortes de jornais com manchetes falando do "Assassino do sétimo dia" por todo escritório e outros falando de crimes não solucionados também. Foi ele quem quebrou o silêncio:

- O que você quer?
 - Fazer justiça.
 - Você é uma vampira.
 - E daí?
 - Vai me matar, sugar meu sangue?
 - Sim.
 - Para fazer justiça?
 - Isso.
 - Porque eu?
 - Caço os animais que a polícia não consegue encontrar.
 - Eles sabem?
 - A polícia? Não. Mas existe um boato sobre um justiceiro, não se empenham muito em me prender.
 - Você não parece bem.
- Calei-me.
- Está doente?
- Insistiu.
- Estou com fome.
 - A quanto tempo não se alimenta?
 - Três meses.
 - Porque?
 - Estava te caçando.
 - Só se alimenta de sangue de "animais"?
 - Sim.
 - Então você é igual a mim.
 - Vá se ferrar!!!
 - Como você só mato quando tenho fome.
 - Você é um animal.
 - Você também.

Pulei do divã no pescoço dele. Segurei sua língua com a mão enquanto sugava seu sangue. Durante dias mantive seu corpo em minha casa. Ele morreu pouco antes de eu lhe sugar todo o sangue, sufocado com minha mão dentro de sua garganta. Eu o odiava. Seus olhos me seguiam por todo escritório. Depois de um tempo seu corpo em decomposição impedia- o de me seguir com o olhar. Foi a primeira vítima que eu levei para minha casa, talvez por isso eu o odiava. Ele falou comigo e eu o odiava. Senti falta de ouvi-lo. Não. De falar-lhe. Queria dizer-lhe que eu não era um animal , que eu lutava contra minha fome, e só a saciava com pessoas, que, como ele, era cruel e nociva, e, que, de alguma forma eu beneficiava o coletivo, o coletivo que nunca me acolheria, mesmo assim eu protegia aquela cidade e seus cidadãos de bem. Ele fez de propósito, fez com que eu o matasse antes de me defender, morreu achando que eu era igual a ele. Não, isso não fazia sentido. Queria ter me controlado e mostrado a ele que eu não era um animal. Eu não era. Eu não era. Eu sou. Deixei seu corpo degolado em um terreno baldio. Eu sou igual a ele, não posso matar minha espécie. O que fazer? Tenho fome. Deus abandonou-me. Eu tentei lutar contra a fome, ele devia ter tentado também. Talvez. Somos raças diferentes, dentro da mesma espécie. Cada um tem uma fome. Benditos os que vivem em paz com sua fome! Não há fome sagrada. A fome é assassina. Preciso alimentar-me do sangue dos que sentem menos fome. Do homem de bem. Seu sangue é puro. Ou quase. Talvez eu me cure. Tomei esta decisão quando voltava para casa. Tinha que descobrir uma forma de encontrar homens de bem. Antes iria descansar um pouco.

III parte - O reino, o poder e a glória para sempre...

Da mesma forma em que escolhia meus animais passei a escolher meus homens de bem. Pelo jornal. Em pouco tempo descobri que pessoas de bem não aparecem em jornais. Escolhia algum condecorado e passava a investigar sua vida. Muitos eram animais. Passei então a viver na cidade. Arranjei documentos falsos e comecei a lecionar história da arte em escolas noturnas. Foi uma época tranquila. Sempre fui cuidadosa em esconder meus crimes e dessa forma pude viver cerca de 15 anos em cada lugar. Tive amigos, mas sempre fui solitária. Alimentar-me de pessoas de bem não me curou, mas gostei da vida tranqüila que isso me proporcionava. Ainda me incomodava o fato de matar, por isso, inventei um critério para, novamente, santificar meus crimes. Comecei a matar pessoas que eram pilares de família.

Pessoas que eram o centro da relação. Percebi que o caos que se instalava na família, após a morte da família, era seguido de um grande crescimento individual para os membros que eram controlados pela pessoa antes de sua morte. A estabilidade é assassina do crescimento. Muitos, apesar disso, se perdiam completamente; drogas, crimes, corrupção, mas entendi que isso estava sendo adiado pelo pilar e que mais cedo ou mais tarde, quando este faltasse, o mal afloraria fatalmente para aquele ente.

Nunca matava dentro de um raio seguro do local onde habitava e dentro de meu convívio social. É mais difícil esconder pistas nestas áreas. Houve uma vez que quebrei estas regras. Nunca mais se é o mesmo depois de quebrar uma regra pessoal. Você cai ou evolui radicalmente depois disso.

A conheci na escola, era minha aluna, que de dia trabalhava como voluntária numa creche e era parteira conhecida na região. Uma pessoa alegre, sempre rodeada de amigos e os fazendo rir, muito gorda e rosada, sua conversa e sorrisos acalmava as pessoas, por mais que estivessem tristes. Depois de poucos minutos falando com ela qualquer um se transmutava, dava-me impressão de conseguir tirar a tristeza dos outros com as mãos. Não havia pensado em escolhê-la como vítima, até o dia da formatura. Todos estávamos reunidos na escola para o baile de despedida e ela bebia muito. Fiquei depois para ajudar na arrumação e a encontrei sentada em um canto, ela estava muito bêbada e me ofereci para ajudá-la. Ela sorriu, não acreditou que eu pudesse apoiá-la. Segurei-a em meu ombro e fui acompanhando-a até o ponto de taxi, ela não conseguiu lembrar seu endereço, resolvi levá-la para minha casa. Quando chegamos a coloquei no divã, e enquanto me preparava para dormir ela acordou e muito sem graça disse que iria para casa. A abracei e disse que dormisse ali que já era tarde. Ela começou a chorar copiosamente. Falou-me de solidão. Contou que desistiu de emagrecer quando alguém lhe disse que as pessoas engordam por vontade do próprio espírito. Ele decidia, segundo essa pessoa, tornar a vida da pessoa fatigante, pesada para que ela aprendesse o sentido de se estar encarnado. Disse que tudo que quis a vida inteira foi a morte e que descobriu que só morreria depois de aprender a amar a vida. Tornou-se parteira, ajudante em uma creche e me contou ainda que era voluntária em um grupo de apoio ao suicida. Que sempre sorria, tinha uma palavra amiga, um chá calmante na bolsa para um amigo desesperado que surgisse, mas que à noite sempre dormia com a solidão. E mesmo convivendo com o despertar da vida, ajudando pessoas, ainda era a solidão que a acompanhava. Escapara da morte por duas vezes em acidentes de carro. Um que levou seus pais, o irmão e uma sobrinha e o outro, o seu amor. Saiu ilesa dos dois. Havia entendido que a morte lhe viria somente quando amasse a vida e quanto mais tentava, mais a odiava e ia se tornando imortal. A história daquela mulher era a minha. Não se pode amar algo por imposição, em troca de outra coisa, nem a si mesmo. Eu e ela sentíamos a mesma fome. E a fome é um desejo que só se sacia com a morte. Não posso dizer que amei alguém ou aquela mulher, nunca me amei e não posso dar o que não tenho. Pelo amor que eu podia amar, levantei-me, a amarrei-a e amordacei. Pude sentir uma excitação e um medo crescente em seu olhar. Tirei minha roupa e mostrei-lhe meus caninos. Sentei-me em seu colo, segurei-a pelo rosto, olhei em seus olhos, virei seu pescoço e a mordi enquanto acariciava seus seios. Não a hipnotizei, ela gemia a dor da mordida e o prazer em seus mamilos arrepiados. Quis ter certeza que ela soubesse do seu destino. Tirei meus dentes do pescoço dela, a beijei nos lábios e disse:

-Eu vou lhe matar.

Ela se assustou, creio que duvidou a princípio, então descrevi a ela como seria:

-Vou lhe morder novamente, e sugar o resto de seu sangue, você vai sentir uma leve sonolência, uma dormência, um frio e em poucos minutos estará morta.

Ela ofegava e tremia. Eu também estava excitada, com sua convivência, sua fragilidade, com o pavor da morte e sede de vida que nascia como um rio entre suas pernas. Quando a mordi pude sentir o gosto da descarga enorme de hormônios em seu sangue. Ela, como eu, ao ser mordida, finalmente se debateu. Lembrei-me dele. Pensei em lhe dar meu pulso. E, diante de mim, o primeiro e único milagre que pude presenciar durante minha vida e morte aconteceu. Ela foi emagrecendo à medida que eu lhe sugava suas últimas gotas, até tornar-se uma mulher de formas perfeitas. Compreendi que finalmente ela tinha aprendido a amar a vida e não precisava mais se arrastar por ela. Beije-i-lhe a boca em gratidão. Esperei sua morte para desfazer-me do corpo, a vesti com uma roupa elegante e bem feminina, rasguei-a entre as pernas e no colo, degolei-a e a joguei na mata. Depois de alguns dias, aceitei uma proposta melhor de trabalho em uma cidadezinha longe dali. Os olhos dela me seguiam por onde eu ia. Etéreos olhos imutáveis. Eu a amava. E sentia falta de seu beijo trêmulo. Não. Eu a invejava. Invejava seu medo extasiado da morte, e sua rendição póstuma. Gostava de lembrar dela morrendo em minhas mãos. Perdoei-me por adorar o gosto de seu sangue, lembrar dele a florava meus dentes, punha-me em posição de ataque. Mudei novamente o critério de escolha de minhas vítimas. Agora eu ia sentir a delícia da vida.

IV parte - Imperfeita até o limite da perfeição.

Passei muitos dias em retiro. Muitos dias. Eu sentia fome, mas não tinha pesadelos. Eu não estava buscando uma desculpa para santificar meus crimes. Eu buscava coragem. Eu já havia matado antes, mas agora seria diferente. Eu estava consciente que era uma vampira e isto era muito novo para mim. Não havia deixado de gostar de pessoas. Não me era cômodo alimentar-me de seres humanos. Dentro de mim duas realidades titãs duelavam, minha parte animal, instintiva, caçadora e minha parte inteligente, emotiva, humana. Isto me fascinava. A história acontecia dentro de mim e eu era sua aluna. Quando finalmente, saí para caçar o novo método me apareceu. Eu tinha de ser meticulosa, pois senão seria caçada, e eu queria viver, mas iria satisfazer também meus instintos, seriam vítimas ao acaso. Poupei as pessoas em evidência demais, para me proteger. As crianças porque me enterneciam e não matavam minha fome uma só. E algumas pessoas que me causavam repulsa, estas desconfio que tinham alguma doença, mas nunca pude comprovar. Eu gostava da vida tranquila, por isso, às vezes, roubava algum banco de sangue. Permitia que eu ficasse mais tempo sem matar, fazia isto quando gostava muito do lugar onde estava morando.

Até hoje é assim. O sangue dos bancos mata a fome, mas preciso caçar de vez

em quando. Entendo que mais cedo ou mais tarde alguém vai me surpreender e me tirar a imortalidade. Aprendi a gostar das pessoas como elas são. Mais defeitos que virtude e iludidas de sua santidade.

Vampiros e humanos são iguais. Você teve azar. Só isso. Geralmente não converso com meu jantar. Digo-lhe isto porque me perguntou porque eu estava lhe matando. A resposta é "porque tenho fome."

-Foi quando eu peguei o lápis em meu bolso e enfiei em seu peito.

-E ela, professor?

-Ela tirou os dentes de meu pescoço e olhou-me. Seu olhar falava-me em sânscrito, aramaico, latim, pude compreender tudo que ele dizia por serem idiomas de meus antepassados, mas não consigo traduzir em minha língua vida-mortal.

-Compreendo.

Disse o detetive com olhar de decepção. Fez que relia as páginas de suas anotações e perguntou de novo:

-O que ela disse mesmo quando a perguntou porque ela estava lhe matando?

-Ela disse: "Esta sou eu, depois de saciar a fome. vou lhe contar como escolhi minha última vítima. Antes, porém, o porque...", por favor, detetive, já contei esta história para paramédicos, médicos, enfermeiras, psiquiatras, policiais e estou cansado. Se vai me prender por assassinato faça-o, preciso descansar mesmo que seja em uma cela.

Tive a impressão que aquilo deixara de ser uma investigação e eu me transformara num filho-da-mãe sortudo e contador de histórias. As pessoas me faziam repetir e repetir os acontecimentos e me escutavam com olhos vidrados. O médico, naquele dia, entrou na hora em que eu dizia ao detetive que precisava descansar e expulsou-o de meu quarto, disse-me depois que gostaria de ouvir a história mais uma vez, mais tarde, e sorriu. Dias depois tive alta. Em casa olhei-me no espelho pela primeira vez desde o acontecido. Estava mais velho, mais grisalho e com uma cicatriz no pescoço que nunca fiz questão de apagar. A investigação seguiu e como não havia corpo, nem conseguiram localizar nenhuma professora desaparecida naqueles dias nos arredores o caso foi arquivado. Estou agora no fim de minha vida. Muita coisa ficou para trás, minha infância, a faculdade, minha mulher..., os filhos que nunca tivemos, os anos que lecionei, quase tudo é vaga lembrança, exceto os olhos dela que me seguiram pelo resto da vida, imaculados olhos imortais.

(Sweet Ragi) meu heteronômio .. tenho outro tb, Gulab Song, q uso para textos mais politizados e sob ponto de vista masculino...rs Meu nome é Roberta Silva Pinto , tenho 33 anos, moro em Belo Horizonte - Brasil , sou funcionaria municipal e escritora. Não tenho obras publicadas.

E-mail: robertal@pbh.gov.br

Terras ocultas

Com cabresto na mula-sem-cabeça,
galopamos mistérios e fantasias,
sem sustos nem curupira:
Menino artilheiro.
Intrusos, entramos na mata
sem saber nada.
Nada.
Nem sair.
E só se vê a fumaça do pito do saci
na baforada do pé-de-vento.

Descanso a montaria nas pastagens,
lá perto do encantado.
Boitatá, inflamado de contente:
mais um enlace na mata!
A noiva, ansiosa, espera;
a lua conspira alegria.

(Abandono o intuito
por aprazíveis lágrimas.)

Sob uma vitória-régia,
envolto nos abraços de jibóia,
aceito o beijo de Yara.
Cortejado por botos cor-de-rosa,
Lobisomem chora,
a morte do “irmão” de boêmia,
mesmo não tendo lua cheia.

do livro: Castelo entre desertos (inédito - sem
previsão de lançamento)

José Geraldo Neres

BRASIL

neres@palavreiros.org

www.palavreiros.org



PER SECLA SECULORUM

Aquele beijo desvairado ferro em brasa
deixaria marcas indeléveis em nossas almas
e passasse o tempo passasse a vida
jamais o esqueceríamos

ninguém sabe ao certo a quem pertencemos
debaixo da pele há cavernas há recônditos
ocultamos nossos anjos e demônios
nossos segredos

IMPLACÁVEL

Abraços da meia-noite
cingiram-lhe forte a cintura
apareceu criatura
certa presença a da morte
arrebato-lhe o sossego

peito doeu lado esquerdo
morcego rangeu portinhola
à janela lua imensa
sentiu dali temerosa
perfume de cravo e rosa

um calafrio por dentro
arrepios pele afora
agarrada à cruz pedia
queria ao menos um dia
antes de ir embora

não houve choro nem reza
pudessem mudar a sina
mal tinha amanhecido
todas as velas acesas
cercavam o corpo da vítima

por isso então eu te digo
a vida é boa é bela
não proteles a magia
faze agora ainda hoje
tudo que podes e anseias

Feitiço



uma lua branca doida
daquelas que bebem olhares
exasperam santos anjos
mastigam-nos as entranhas
enlouquecem nossa espécie
provocou-me toda a noite
fez-me uivar tal uma loba
rolar de um lado a outro
arrancar-me a rósea pele
esvair-me à sua espera

Macaco Velho



grudados iguais marandovás
às árvores do laranjal
tentaram enroscar-se em mim
antes porém da esparrela
esquivei-me para o lado
não deixo não me atrapalham
ninguém me tira do sério

passa o tempo passa a idade
nosso corpo se acomoda
o espírito no entanto
aprimora-se cria asas
rompe as barras da matéria
entende a miséria humana
e sobrepõe-se a ela

Líria Porto

Brasil

liria@uaivip.com.br

OCEANO

Coccige

Le lacrime cadono silenziose
come pioggia sul mare.
Piangevi sotto la tormenta,
nudo, immerso fino ai fianchi
nell'oceano.
La spiaggia del Cocito era grigia,
il mare un'immensa bottiglia di vetro verde
sotto le nuvole blu.
La tempesta che sentivi dentro
era la tempesta che c'era fuori.
Lì mi raccogliesti,
io
sirena sciolta nel sale,
tu
statua d'eroe di carne.
Mi aggrappai a te come a una fune che mi traesse in salvo.
Tu mi abbracciasti come un suicida si stringe alla zavorra
che lo fa' affondare.
Mi amavi,
e io ti chiesi di mutilarmi la coda
con il pugnale di Teseo:
gocce di sciroppo blu
uscirono dalla ferita.
La libertà, per me, era terrestre.

OCÉANO

Coccix

Las lágrimas caen silenciosas
como lluvia en el mar.
Llorabas bajo la ventisca,
desnudo, sumergido hasta el costado
en el océano.
La playa del Cócito era gris,
el mar una inmensa botella de vidrio verde
bajo las nubes azules.
La tempestad que sentías adentro
era la tempestad que estaba afuera.

Allá me recogiste,
yo
sirena disuelta en la sal,
tú
estatua de héroe de carne.
Me agarré a ti como a una cuerda que me pusiera a salvo.
Tú me abrazaste como un suicida se aferra al lastre
que lo hace hundir.
Me amabas,
y yo te pedí que me mutilaras la cola
con el puñal de Teseo:
gotas de jarabe azul
salieron de la herida.
La libertad, para mi, era terrestre.

Melusine

L'ultima notte di nozze,
leccai una lacrima del mio sposo
e il mattino seguente
mi svegliai con quest'acquamarina sulla lingua.
(Immersa nell'acqua
la mia carne commossa sente
che non c'è confine tra
quello che ho dentro e
quello che ho fuori).
Porto la gemma appesa al collo,
mi ricorda quello che sono
e quello che ho perso.
La catena è lunga e
la pietra mi poggia sul cuore.
Attraverso la trasparenza della gemma,
nelle sue sfaccettature,
si può scorgere la reale consistenza
della mia pelle: squame, di sirena o di serpente.
Sulla carne calda, nell'incavo del seno,
scintilla la pietra e brilla la catena
(d'oro bianco e nostalgia)
che la sostiene,
come una sottile cicatrice
che scende trasversale sul collo e sul petto,
tale e quale a quella che trovarono
quel mattino

sul corpo del mio sposo.

Melusine

La última noche de bodas,
lamí una lágrima de mi esposo
y a la mañana siguiente
me desperté con esta aguamarina en la lengua.
(Sumergida en el agua
mi carne conmovida siente
que no hay confín entre
lo que tengo adentro y
lo que tengo afuera).
Llevo la gema colgada al cuello,
me acuerda de lo que soy
y lo que he perdido.
La cadena es larga y
la piedra se apoya sobre el corazón.
A través de la transparencia de la gema,
en sus facetas,
se puede divisar la real consistencia
de mi piel: escamas, de sirena o de serpiente.
Sobre la carne caliente, en la cavidad del seno,
centellea la piedra y brilla la cadena
(de oro blanco y nostalgia)
que la sostiene,
como una sutil cicatriz
que desciende transversal en el cuello y en el pecho,
igual a la encontrada
esa mañana
en el cuerpo de mi esposo.

Silvia Favaretto

ITALIA

(Venecia, 1977) ha editado sus poemas y cuentos en distintas antologías de escritores italianos como Fiori di campo (Joppolo Editore, Milán, 1997), Niente Guerra y Donna e Poesia (Círculo Pessoa, Roma, 1998) e I racconti dell'ultimo millennio (Penna D'autore, Torino, 1999). Obtuvo premios literarios como el de poesía "INVES" (Palermo, 1998), el de "Cuentos infantiles inéditos VALLE SENIO" (Riolo Terme, 1999), el premio de videopoesía "Giuseppe Malattia della Vallata" (2002 y 2003) con el cineasta Christian Panebianco. Ha participado a festivales de literatura en Europa e Hispanoamérica como el Festival Internacional de Poesía en Medellín (Colombia, 2000), el Festival de

poesía de Xela (Guatemala, 2003) así como al Encuentro permanente de poetas del Salvador (El Salvador, 2003). Como traductora ha publicado sus versiones al italiano de poetas latinoamericanos, alemanes e ingleses. Ha editado el cuento infantil *La mariposa Rossella* (Az. Osp. Santa Maria Degli Angeli, Pordenone, 2003) y el poemario *La tetra santità e il variopinto orrore* (Turín, 2004). Se dedica a la investigación en la Universidad de Venecia y ha curado la edición del volumen *Narrative femminili cubane tra mito e realtà* (Università Ca'Foscari, Venecia, 2003). Colabora también a la realización de videopoemas y videodocumentales de poesía, al tiempo que trabaja como profesora y traductora.

silviafava@inwind.it

AVE



Ave que os céus do infinito povoa
Abre suas asas alvas sobre o alimento
Súbito passar cardíaco, sofrimento
Não entoa! Voa, voa e voa.

Não procura a enseada, acha
Alonga as suas patas sobre a faixa
Que separa o céu e o firmamento
Voar, voar é o mais banal contentamento!

Ave imensa que afaga o ninho
Nas bicadas, pontas finas nos filhinhos
Matando-os aos pouquinhos. E o que importa,
Se a cria é morta? São apenas carinhos,
É uma dor que lhes conforta

Ave insana, que com asas caminha
Bate à porta do mundo, sozinha :
- Sou ave, e somente vim falar,
Que somente és livre se sabes voar.

Fábio Peres

Brasil

Correo: fabiopbm@bol.com.br